

INTELECTUALIDADE E POLÍTICA NA TRAJETÓRIA DE FRANTZ FANON

Guilherme Pessatti do Couto¹

Resumo: Este artigo analisa a trajetória de Frantz Fanon a partir das tensões entre intelectualidade e política, destacando sua importância para os debates contemporâneos nas Ciências Sociais sobre o papel do intelectual engajado. O objetivo é discutir de que maneira Fanon vivenciou e elaborou, ao longo de sua vida, as contradições entre a produção de conhecimento e a prática revolucionária, em contextos marcados pela colonialidade, pelo racismo e pela violência institucional. A metodologia adotada é qualitativa, por meio de uma revisão bibliográfica narrativa, com base na análise de sua obra publicada, de sua biografia e da recepção crítica de seus textos, além do cruzamento com a teoria social clássica e contemporânea sobre o papel dos intelectuais. O artigo reconstrói os deslocamentos geográficos, políticos e epistemológicos de Fanon — da Martinica à Argélia, da medicina à militância —, evidenciando como sua atuação desestabiliza fronteiras entre saber técnico e intervenção política. Concluímos que Fanon não se limita à figura do intelectual tradicional ou do político pragmático, mas encarna um sujeito revolucionário que se constituiu na intersecção entre razão e ação, teoria e prática.

Palavras-chave: Frantz Fanon; Sociologia dos Intelectuais; Política; Colonialismo; Revolução.

INTRODUÇÃO

O lugar do intelectual nas Ciências Sociais tem sido objeto de debates intensos desde o século XX. A figura do intelectual, para autores como Antonio Gramsci, deve estar vinculada organicamente às classes subalternas, articulando saber e ação política. Posteriormente, Edward Said retoma esse papel em chave crítica, sugerindo que a missão do intelectual não está em alinhar-se a partidos ou poderes constituídos, mas em manter-se um “outsider”, capaz de resistir às pressões do poder e da opinião pública. No campo francês, autores como Pierre Bourdieu e Michel Foucault também contribuíram para o debate, ao enfatizarem os vínculos entre produção de saber, poder simbólico e responsabilidade pública. Nesse contexto, a trajetória de Frantz Fanon oferece um exemplo singular e provocador de intelectual engajado e, portanto, sua biografia é tomada aqui para um debate mais amplo acerca dos trânsitos, deslocamentos e intersecções daqueles que circulam na luta política e no debate intelectual. O presente artigo busca explorar essas tensões entre teoria e prática, vida e obra, no percurso de Frantz Fanon.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (PPGS/UFSCar). O artigo apresentado é resultado de pesquisa de iniciação científica realizado entre os anos de 2021 e 2022, com apoio de bolsa PIBIC da CNPQ, a quem agradeço.

Fanon (1925–1961), um dos mais importantes intelectuais a se debruçar sobre as agruras do colonialismo, transitou intensamente entre os espaços mais conflituosos da Guerra de Independência da Argélia e os ambientes acadêmicos europeus. Sua trajetória de vida é marcada pela constante intersecção entre os debates da medicina e da política revolucionária de sua época. É vivendo nas contradições entre a ação política e o rigor científico que sua obra floresce.

Dessa forma, o objetivo principal deste artigo é discutir as contradições da experiência vivida entre o mundo intelectual e o mundo político, ambos ocupados por Fanon ao longo de sua vida — ou, em outras palavras, como o autor abalou “as carcomidas fundações do edifício [social] (Fanon, 2020, p. 25)”.

Para isso, é necessário atentar para os cortes epistemológicos presentes em algumas leituras de sua obra. Deivison Faustino, ao estudar as diferentes recepções de Fanon e suas influências no Brasil, defende — com base em Ato Sekyi-Otu — a caracterização do autor como um “oxímoro radical”. Isso porque,

o empreendimento de Fanon é marcado por uma dupla exigência: a preocupação em manter a tensão crítica em relação ao "drama absurdo" da condição colonial e as vicissitudes cristalinas do dilema humano que esse drama procura violentamente reprimir e usurpar e, por isso, a luta anticolonial, como ato político de rebelião, não se apresenta como o fim da história e nem mesmo o retorno a alguma forma pretensamente original que tenha sido tolhida pela colonização, mas sim a abertura a novas possibilidades de solidariedade e autocompreensão (Faustino, 2020, p. 35).

Em outras palavras, Faustino contesta tanto as leituras fragmentadas de Fanon feitas por marxistas ortodoxos — que ignoram sua atuação como psiquiatra por este, em diversos momentos, adotar posturas incompatíveis com a interpretação marxista da questão racial — quanto às leituras culturalistas e decoloniais que apagam seu engajamento político revolucionário, negligenciando seus escritos de combate. Lewis R. Gordon (2015), Ato Sekyi-Otu e o próprio Deivison Faustino sustentam a existência de um único Frantz Fanon: um psiquiatra humanista radical e militante revolucionário. Não é possível separar sua vida de sua obra; ao contrário, é fundamental compreender seu crescimento intelectual como intrinsecamente ligado à sua prática profissional e política (Faustino, 2020, pp. 33–110). Em síntese, impõe-se “a defesa de uma dialética crítica que rejeita o relativismo essencializante (Faustino, 2020, p. 54)”.

FANON E A UNIVERSIDADE FRANCESA: PRIMEIROS CONTATOS

Fanon nasceu na Martinica, em 1925, quando a ilha já era colonizada pela França há quase três séculos. Após lutar pelo front francês na Segunda Guerra Mundial — episódio que

o marca profundamente —, conquista uma bolsa de estudos para cursar o ensino superior na metrópole colonial. Inicialmente, muda-se para Paris para estudar odontologia, mas desiste do curso após apenas três semanas. As motivações de sua saída são incertas. Geismar (1971, p. 44), após entrevistar Marcel Manville, relata que Fanon afirmou “nunca ter encontrado tantos idiotas em sua vida como na escola de odontologia”, o que é coerente diante dos conflitos raciais na Paris da época (Faustino, 2018, p. 42). Ainda segundo Manville, citado por Macey, Fanon teria dito haver “negros demais em Paris”. Não se sabe se a frase foi uma piada ou uma tentativa de distanciamento da comunidade antilhana parisiense, como sugere seu irmão Joby (Macey, 2012, p. 116). O fato é que Fanon não se adaptou à vida parisiense e decide transferir-se para Lyon, onde passa a estudar medicina.

Lyon, cidade interiorana, mais conservadora e distante da efervescência intelectual do Quartier Latin — marcado por figuras como Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Maurice Merleau-Ponty, que viriam a influenciá-lo profundamente — oferece a Fanon um ambiente distinto, mas não menos formativo. Entre 1947 e 1953, ele mergulha no estudo da filosofia existencialista e fenomenológica, cujas marcas perpassam toda sua produção intelectual. É também nesse período que entra em contato com as obras de Hegel, Freud e os Seminários de Lacan. Fanon chega a assistir aulas de Merleau-Ponty e, segundo Hudis, cruza caminhos com Raya Dunayevskaya — ex-secretária de Trotsky e fundadora do marxismo-humanismo nos Estados Unidos — durante uma conferência da juventude socialista em Lyon, no verão de 1947 (Hudis, 2015, p. 22). Fanon interessa-se

por etnologia, fenomenologia, marxismo, e também, e antes de tudo, por existencialismo e psicanálise. Ele devora livros e lê Lévi-Strauss, Mauss, Heidegger, Hegel, assim como Lênin e o jovem Marx. Ele também é familiarizado com os escritos de Trotsky que trouxe da rua Blondel, mas não lê O Capital. Fanon nunca lerá O Capital. De suas discussões com seus amigos antilhanos, fortemente “politizados”, ele se interessou pelo método marxista de análise, mas permaneceu muito distante de se engajar com partidos, notadamente no Partido Comunista (Cherki, 2011, p. 35).

De 1949 a 1951, Fanon já tendo cumprido o ciclo básico da faculdade de medicina, foca em especializar-se em psiquiatria e, além disso, se aproxima do teatro lendo as peças de Sartre. Inspirado pelo filósofo, chega a escrever três peças, das quais apenas duas sobreviveram ao tempo — *L’Oeil se noie* (O olho se afoga) e *Les Mains parallèles*² (As mãos paralelas). As peças, analisadas extensamente por Robert J.C. Young em seu *Fanon*,

² Ambas as peças nunca foram publicadas por Fanon em vida e, inclusive, o autor pediu a seu irmão Joby que as queimasse pouco antes de falecer, argumentando que elas não faziam jus a seu pensamento. Elas foram publicadas postumamente em seus *Écrits sur l’aliénation et la liberté* em 2015 na França. No Brasil, as duas peças foram publicadas em 2020 pela Editora Segundo Selo, separadas dos escritos psiquiátricos e políticos da coletânea francesa.

revolutionary playwright (Young, 2018), revelam um Fanon ainda pouco voltado às questões raciais e de classe que viriam a dominar sua obra posterior. Em *O olho se afoga*, por exemplo, o autor se insere no debate existencialista e dialoga com Heidegger, Kierkegaard e Sartre, buscando a transcendência da “insuportável autoconsciência alienada, da sensação de estar num vôleio perpétuo entre o nada e o infinito (Young, 2018, p. 50)”.

Ao final de 1951, Fanon reúne alguns textos para compor sua tese de conclusão de curso em medicina, intitulada Ensaio sobre a desalienação do negro. Contudo, seu orientador rejeita o manuscrito por considerá-lo fora das convenções acadêmicas da época, devido ao caráter poético e à “exploração experimental da subjetividade do autor (Macey, 2012, p. 136)”. Diante da recusa, Fanon escreve, em poucas semanas, uma nova dissertação com o título *Alterações mentais, mudanças de personalidade, transtornos psíquicos e deficiência intelectual na heredo-degeneração espino-cerebelar: à propósito de um caso de doença de Friedreich com delírio de possessão*. Apesar de tratar de uma condição neurológica rara, Fanon ainda busca compreender, nesse trabalho, como fatores sociais influenciam a progressão de delírios e transtornos mentais (Khalifa, 2018a).

O ensaio inicialmente recusado como tese foi publicado, em 1952, como seu primeiro livro, *Pele negra, máscaras brancas*. Esse episódio marca o primeiro embate direto entre Fanon e os limites da academia europeia branca, visto como um espaço onde certas formas de pensamento — sobretudo aquelas que emergem da experiência negra — não podiam se desenvolver plenamente. O livro, que discute a subjetividade negra no contexto da colonização europeia, as relações entre linguagem, indústria cultural e a formação de uma dupla consciência no sujeito negro submetido ao domínio branco, inaugura sua trajetória como autor político. A publicação pela Éditions du Seuil indica a necessidade de se afirmar em um campo externo ao estrito ambiente acadêmico. Assim, as influências de Fanon ultrapassam os grandes muros e pequenos horizontes da Universidade de Lyon.

FANON NA ARGÉLIA: ESCRITOS POLÍTICOS E ESCRITOS PSIQUIÁTRICOS

Em junho de 1953, cerca de um ano após a publicação de *Pele Negra, Máscaras Brancas*, Frantz Fanon conclui sua residência médica e assume o cargo de médico-chefe no governo francês. Ele se candidata a uma vaga em Guadalupe, ilha nas Antilhas que, assim como a Martinica, integra o *Département d'Outre-Mer* francês, disponível a partir de dezembro daquele ano. Sem oferecer explicações detalhadas, Fanon afirma que retornar à Martinica era “fora de questão” (Macey, 2012, p. 200).

Enquanto trabalhava temporariamente em Pontorson, na Normandia, Fanon decide dedicar-se a “cuidar dos loucos” em “um país onde precisam dele”, conforme relatou a seu irmão Joby (Macey, 2012, p. 201). Segundo Lewis R. Gordon, Fanon já reconhecia, nesse período, a necessidade de uma transformação radical do mundo, considerando “insuportável” a ideia de retornar à vida pequeno-burguesa da Martinica. Assim, ele envia uma carta a Léopold Senghor, propondo-se a trabalhar como psiquiatra no Senegal, mas não recebe resposta (Gordon, 2015, p. 80-81).

Após um período de incertezas, Fanon opta por uma vaga em Blida, na Argélia. Sua decisão de tratar um povo que sofrera — e ainda sofria — as mazelas mais profundas da colonização não foi aleatória. O clamor por uma ruptura e a crítica ao colonialismo em *Pele Negra, Máscaras Brancas* evidenciam essa escolha. Contudo, é fundamental notar que, no final de 1953, a Argélia estava a um ano do início de sua guerra anticolonial, indicando que Fanon não visava inicialmente contribuir diretamente para a organização dos Condenados da Terra contra seus opressores, mas sim tratar as enfermidades do sistema colonial no âmbito médico, tarefa que desempenhou exaustivamente por cerca de três anos.

Ao chegar ao hospital de Blida-Joinville, Fanon confronta, pela primeira vez, uma prática médica voltada aos efeitos da colonização sobre os colonizados. Até então, ele havia tratado apenas franceses residentes em pequenas cidades do interior, que, segundo suas próprias palavras, “tinham psiquiatras o bastante” (Macey, 2012, p. 201).

Em 1953, Fanon e sua esposa Josie estabelecem-se em Blida, vivendo uma rotina tranquila no Magrebe. Logo no início de seu trabalho no hospital de Blida-Joinville, ele percebe que a medicina “era parte integral do sistema opressor” (Macey, 2012, p. 215) e que mudanças profundas no funcionamento do hospital eram necessárias para romper os ciclos de corrupção praticados por médicos europeus. Fanon aplica as técnicas de terapia institucional desenvolvidas com Tosquelles³, mas os resultados divergem dos obtidos com pacientes europeus. Das duas alas sob seu comando — uma de mulheres europeias e outra de homens argelinos —, apenas a primeira responde positivamente à terapia social e ao ambiente democrático criado no hospital (Khalfa, 2018a, p. 188)⁴.

Junto de seu estagiário Jacques Azoulay, Fanon percebe que aplicar mecanicamente uma terapia que via a saúde psíquica como um fenômeno social, e não essencialista, contradizia o próprio método proposto. Assim, ambos aprofundam-se no estudo da estrutura

³ François Tosquelles era o coordenador do hospital em que Fanon concluiu sua residência médica, e foi o fundador da psicoterapia institucional, linha que Fanon adotou por muito tempo em sua prática médica.

⁴ “As divisões raciais das alas psiquiátricas do hospital refletiam as representações dominantes dos franceses em relação aos argelinos na sociedade, úteis à manutenção das relações de poder coloniais.” (Faustino, 2018, p. 68).

social argelina para propor reformas metodológicas que refletissem a realidade local no hospital. Fanon nota, por exemplo, que celebrações como o Natal cristão ou reuniões hospitalares que ignoravam a instituição familiar não faziam sentido para os pacientes, agravadas pela barreira linguística, já que ele não falava árabe. Esse processo de adaptação e humanização do tratamento dura pouco menos de um ano. Em outubro de 1954, Fanon e Azoulay publicam o artigo *La socialthérapie dans un service d'hommes musulmans: difficultés méthodologiques* na revista *L'Information psychiatrique*⁵, detalhando os desafios e as mudanças implementadas nesse processo de metamorfose metodológica.

Um mês após a publicação do artigo, em 1º de novembro de 1954, ocorre a “explosão” antecipada por Fanon em *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Quase uma década antes, em 1945, o massacre de revoltosos anticoloniais em Sétif marcou o “momento fundante do ‘espírito de independência’” (Bouchène et al., 2014, p. 801-804). Desde então, setores do povo argelino intensificaram sua organização. Partidos como o Partido do Povo Argelino (PPA) e o Movimento pelo Triunfo das Liberdades Democráticas (MTLD) ganharam destaque, enquanto os debates do Partido Comunista Argelino (PCA), centrados no democratismo, mas nem sempre na independência nacional ou na luta radical contra os colonizadores franceses, perdiam força entre os argelinos. Inspirados pela vitória vietnamita sobre a França em julho de 1954, os argelinos criam, após um congresso clandestino em agosto do mesmo ano, o *Front de Libération Nationale* (FLN) e seu braço armado, a *Armée de Libération Nationale* (ALN).

Em 1º de novembro de 1954, a FLN coordena uma série de atentados contra os colonialistas em todo o território argelino, incluindo sabotagens a postos policiais e destruição de instalações elétricas. Esses atos buscavam destacar as declarações da FLN, divulgadas em panfletos no mesmo dia, que defendiam a soberania argelina e convocavam a população a unir-se aos revolucionários na luta pela independência por todos os meios necessários (Bouchène et al., 2014, p. 958). A revolta nacional de 1º de novembro de 1954 recebeu pouca cobertura na França, sendo tratada como ações isoladas de terroristas. Até mesmo o Partido Comunista Francês (PCF) adotou essa perspectiva, condenando os revolucionários argelinos, a quem, em 1922, os comunistas haviam descrito como “massas sem cultura” incapazes de conquistar sua liberdade (Zeilig, 2021, p. 66-73).

⁵ Este artigo foi republicado apenas em 2015, junto aos outros artigos psiquiátricos de Fanon na coletânea *Écrits sur l'aliénation et la liberté*. Foi publicado no Brasil em 2019 pela Editora Ubu na coletânea *Alienação e liberdade*, com o título *A socioterapia numa ala de homens muçulmanos: dificuldades metodológicas* (p. 135-152).

Segundo Cherki, a posição de Fanon sobre os eventos de 1º de novembro não é conhecida. Contudo, nos meses seguintes, durante o inverno de 1954-1955, surge a necessidade de tratamento psiquiátrico para guerrilheiros na região de Blida. Fanon é indicado por sua postura “aberta e firmemente anticolonialista”, manifestada, por exemplo, em debates no cineclube (Cherki, 2011, p. 140-143). Seu nome já era familiar a Pierre Chaulet, médico e líder da FLN, que havia lido o primeiro livro de Fanon. Imediatamente, Fanon toma para si a tarefa de tratar esses guerrilheiros em segredo no hospital de Blida-Joinville, transformando o local em uma base de atendimento médico militante.

O ano de 1955 foi particularmente intenso para Fanon. O psiquiatra, que anos depois declararia a Claude Lanzmann não gostar de pessoas que “se poupam”, após uma conversa de mais de 12 horas com Sartre, já vivia com uma dedicação incansável (Beauvoir, 2009, p. 501). Sua rotina não admitia pausas: Fanon trabalhava o dia inteiro com pacientes internados no hospital — incluindo, por vezes, policiais traumatizados pela prática de tortura contra *fellaghas*⁶ —, treinava sua equipe, chegando antes e saindo depois de todos, e ainda atendia guerrilheiros da região em segredo. Paralelamente, desenvolvia artigos e pesquisas em psiquiatria, enquanto se aprofundava em estudos de estratégia, tática política e militar, filosofia e história.

Nos últimos meses de 1956, Fanon conclui que não seria possível melhorar a vida dos colonizados enquanto persistisse uma estrutura social que “encurrala seus membros em soluções desesperadas (Fanon, 2021, p. 94)”. Em dezembro, ele renuncia ao cargo em Blida, expressando sua posição na *Carta ao Ministro Residente*, na qual defende a substituição da ordem social vigente (Fanon, 2021, p. 92-95). Como consequência, Fanon e sua família são imediatamente expulsos da Argélia. No início de 1957, já em Túnis, na Tunísia, ele passa a integrar abertamente a FLN e, em setembro, junta-se ao comitê de redação do jornal *El Moudjahid*⁷. É dos anos de escrita no jornal que saíram a maior parte dos escritos e textos políticos de Fanon, compilados nos livros *Por uma revolução africana* e nos *Écrits sur l'aliénation et la liberté*⁸.

Lippold, em *Frantz Fanon e a Revolução Argelina* (2021), reconstrói a “rede intelectual e circulação de ideias (2021, p. 74)” que o jornal *El Moudjahid* representava na sociedade argelina, destacando o papel de Fanon nesse contexto. O periódico adotava o

⁶ Os guerrilheiros argelinos eram chamados de *fellaghas*, algo próximo da palavra bandidos, numa clara apropriação da forma como os franceses e colonizadores chamavam os militantes

⁷ “Uma tradução possível do árabe argelino para o português seria “guerreiro santo” ou “guerreiro de fé”. O tom religioso do nome escolhido para o jornal buscava dialogar com o imaginário islâmico da maioria da população argelina” (Faustino, 2018, p. 97).

⁸ A Boitempo Editorial publicou os Escritos Políticos de Fanon no ano de 2021 de forma inédita no Brasil.

anonimato obrigatório de seus autores, publicando tudo sob o nome do jornal, o que gerou intensos debates sobre a autoria dos artigos de Fanon (Lippold, 2021, p. 167-170). Conforme Lippold (2021, p. 75), o *El Moudjahid* não tinha como público principal os argelinos, majoritariamente analfabetos, mas sim estrangeiros, especialmente franceses. Essa escolha, consolidada após a Conferência de Soummam⁹, visava transformar o jornal em um canal de difusão das ideias revolucionárias pelo mundo, criando uma contranarrativa à mídia francesa dominante.

Em maio de 1957, já como figura pública da FLN, Fanon responde à mídia sobre o massacre de Mélouza, um dos episódios mais sangrentos da Revolução Argelina. O exército francês relatou a descoberta de 315 corpos na região sul da Cabília, atribuindo a autoria à FLN, que, por meio de Fanon, negou as acusações. Trinta anos depois, um coronel do ELN admitiu ter liderado a ação contra tropas do Movimento Nacional Argelino (MNA), rival da FLN, com o conhecimento do alto escalão da organização (Zeilig, 2021, p. 131). Não se sabe se Fanon estava ciente dessas atrocidades, mas, segundo Cherki, Mélouza foi sua primeira “lição” sobre a “natureza feia” da guerra de libertação nacional (apud Zeilig, 2021, p. 132).

Em meio às reuniões políticas em Túnis, Fanon ainda redige e publica, pela Éditions Maspéro, seu único livro ainda não traduzido no Brasil: *Sociologie d'une révolution: l'an V de la Révolution Algérienne*¹⁰. A obra constitui uma potente contranarrativa à propaganda francesa sobre a situação na Argélia. Por meio de uma etnografia do processo revolucionário, Fanon descreve as transformações na sociedade argelina ao longo dos cinco anos de revolução.

Fanon analisa o “desvelamento” das mulheres argelinas frente à intensificação da propaganda anti-islâmica do governo francês, destacando as táticas das combatentes em um contexto de patriarcado persistente. Ele também aborda o papel central do rádio na disseminação do pensamento revolucionário, com o aumento da aquisição de aparelhos que passaram a sintonizar programas além da propaganda colonial francesa. Além disso, Fanon examina as transformações na estrutura familiar argelina, impulsionadas pela narrativa revolucionária, que permitiam, por exemplo, que as mulheres “desenvolvessem sua personalidade” por meio da luta (Fanon, 1965, p. 107).

⁹ O Congresso do Vale do Soummam, ocorrido em agosto de 1956, foi um grande evento da FLN que resultou em teses fundamentais para a continuação da luta argelina num sentido mais político do que estritamente militar. A FLN se comprometeu a formar uma República Islâmica e multiétnica, no caso de uma Argélia independente. Além disto, utiliza como modelo no ELN a forma norte vietnamita de organização militar do Exército Popular proposta pelo General Giap, na qual ocorriam recrutamentos entre estudantes, trabalhadores e intelectuais para atuação militar local, tanto no campo quanto nas cidades (ZEILIG, 2021, p. 74).

¹⁰ Na edição utilizada aqui, em inglês, o título escolhido foi *A dying colonialism* (1965), o que em tradução livre significa Um colonialismo moribundo.

Mesmo após três anos fora da Argélia, Fanon oferece um diagnóstico singular das transformações geradas pela revolução, demonstrando que a liberdade de nenhuma categoria social poderia vir do colonizador. A obra representa uma contundente afronta à narrativa da mídia francesa, que insistia na ideia de que a Argélia pertencia à França. Além disso, Fanon se identifica como argelino, declarando no prefácio o que “nós, argelinos, queremos” (Fanon, 1965, p. 32).

François Maspero, editor de Fanon, convidou Aimé Césaire e Albert Memmi para prefaciar a obra, mas ambos declinaram (Faustino, 2018, p. 107), revelando uma dissonância com a perspectiva de Fanon sobre a libertação colonial, tema que será abordado na próxima seção. O incêndio promovido pela obra infelizmente se apaga em pouco tempo, com sua proibição pela polícia francesa três meses após sua publicação.

No final de 1960, após mais de três anos colaborando com o *El Moudjahid*, Fanon, durante uma viagem de Acra a Monróvia, na Libéria, é informado de que seu voo está lotado e que deveria embarcar em um voo da Air France. Desconfiado, opta por viajar de carro e, ao passar pelo Mali, redige um diário de bordo, posteriormente publicado como *Esta África que está por vir* (Fanon, 2021, p. 249-266). Nesse diário, Fanon revela-se um estrategista militar, refletindo sobre táticas de abastecimento, planejamento de guerra e as demandas da Revolução Argelina. Notavelmente, ele faz uma rara referência direta ao marxismo, apontando a ausência de ideologia como o maior obstáculo africano e alertando para o risco de independências dominadas por burguesias nacionais, que não representariam uma libertação genuína, defendendo um retorno à abordagem marxista (Fanon, 2021, p. 262). A ênfase de Fanon no retorno ao marxismo pode ser atribuída à influência de Mao Zedong, líder da Revolução Chinesa, cujas ideias estão presentes em cerca de 50 livros adquiridos e lidos por Fanon entre 1960 e 1961 (Khalifa, 2018b, p. 737-738).

A atuação de Fanon no *El Moudjahid* é central para compreender a evolução de seu pensamento no contexto da luta anticolonial organizada. Nesse período, ele enfrenta o auge das contradições de sua trajetória: enquanto trabalhava incansavelmente no hospital em Túnis e publicava artigos médicos em revistas europeias voltadas ao público acadêmico, lidava com perseguições políticas e escrevia textos de política radical para o jornal da FLN. Fanon trabalhava em sua produção intelectual que transitava entre discussões técnicas de medicina, análises da revolução argelina e debates teóricos com intelectuais das humanidades e marxistas da época.

Um dos principais confrontos de Fanon com os marxistas franceses, especialmente o PCE, ocorre em seus textos para o *El Moudjahid*, nos quais critica incisivamente a passividade

de intelectuais e democratas franceses diante da guerra na Argélia. Ele buscava despir o termo “colonialismo” de seu caráter “afetivo” ou “emocional”, enfatizando que “o colonialismo não é um tipo de relação individual, mas a conquista de um território nacional e a opressão de um povo (Fanon, 2021, p. 128-129)”. Em 1957, Fanon visava desmistificar a situação colonial, um objetivo que culminaria em *Os condenados da Terra*.

OS EVENTOS INTERNACIONAIS: FANON E O PAN-AFRICANISMO

Em setembro de 1956, ainda na Argélia, Fanon é convidado por Alioune Diop, editor da *Présence Africaine*¹¹, para participar do Primeiro Congresso de Escritores e Artistas Negros, realizado na Universidade Sorbonne, em Paris. O evento buscava refletir sobre o lugar da cultura negra em uma nova ordem mundial e o papel dos “homens de cultura” na sua construção. Os intelectuais presentes traziam diferentes concepções do que seria a cultura negra, evidenciando embates sobre a unidade de interesses e necessidades dos povos negros, bem como as tensões inerentes a um projeto de tal magnitude. Assim,

pensar o lugar da cultura negra em uma nova ordem mundial, além do papel a ser desempenhado pelos “homens de cultura” na construção deste lugar, esses intelectuais traziam diferentes pressupostos do que seria uma cultura negra. E para além do lugar desta num mundo em construção, percebem-se mesmo os embates em torno de uma unidade de interesses e necessidades dos povos negros que se quer proclamar, e as fissuras inerentes a uma empresa de tal magnitude. (Reis, 2012, p. 143-144)

O congresso reuniu cerca de 600 participantes de 25 países. W.E.B. Du Bois, renomado intelectual pan-africanista, foi impedido de comparecer pelo governo dos Estados Unidos, mas enviou um telegrama defendendo “o socialismo em África”, inspirado no “moderno socialismo” soviético (Macey, 2012, p. 278).

Fanon não podia representar a Argélia no congresso, sob risco de perder seu emprego em Blida e ser preso, já que sua militância permanecia oculta às autoridades coloniais. Assim, participa como delegado da Martinica, ao lado de seu antigo professor, Aimé Césaire. O evento marca um momento crucial de divergência entre Fanon e o Movimento da Negritude. Enquanto seus principais expoentes enfatizavam as disputas culturais entre europeus e africanos como base do racismo e defendiam a retomada das culturas tradicionais como resposta, Fanon argumentava que “o racismo não é um todo, mas o elemento mais visível,

¹¹ A *Présence Africaine* é uma revista francesa, inicialmente formada por escritores e artistas diaspóricos, como Léopold Senghor, Aimé Césaire, além, é claro, do próprio Alioune Diop. A revista publicará, a partir de 1947, grande parte dos materiais produzidos pelo Movimento *Negritude* e pelos autores pan-africanistas.

mais cotidiano e, em certos momentos, mais grosseiro de uma estrutura dada (Fanon, 2021, p. 70)”.

Fanon argumenta que a dominação colonial opera de forma multidimensional, abrangendo não apenas a violência física e ideológica, mas também o acultramento das populações colonizadas por meio de instituições religiosas e científicas. É esse caráter sistêmico do racismo que o torna invisível: “Uma sociedade é racista ou não o é” (Fanon, 2021, p. 81). Ao discutir o papel do racismo na luta, em um apelo implícito à revolução argelina, Fanon defende a radicalidade dos povos colonizados: “A luta do inferiorizado situa-se a um nível nitidamente mais humano. As perspectivas são radicalmente novas. É a oposição, doravante clássica, entre as lutas de conquista e as de libertação (Fanon, 2021, p. 84)”. O discurso de Fanon, *Racismo e Cultura*, provocou uma reação “muda” do público, mas resultou em sua eleição para o comitê executivo da *Société Africaine de Culture*, órgão internacional da *Présence Africaine*.

Em 1958, a FLN estabelece o *Gouvernement Provisoire de la République Algérienne* (GPRA), consolidando sua posição independentista e os avanços da luta argelina. Nesse período, a atuação internacional de Fanon vai além de sua escrita no *El Moudjahid*, incluindo a participação em congressos e eventos diplomáticos em nome da FLN e, posteriormente, da GPRA.

O primeiro desses eventos foi a Conferência dos Povos Africanos, realizada em Acra, Gana, em dezembro de 1958, marcando a primeira visita de Fanon à África Subsaariana, viabilizada por um passaporte falso fornecido pelo governo líbio sob o nome Ibrahim Omar Fanon. A escolha de Gana não foi casual, já que o país havia conquistado sua independência do Reino Unido um ano antes. Kwame Nkrumah, líder da revolução ganense e defensor da não-violência, contrastava com Fanon, que, em um discurso ovacionado por mais de 200 delegados de 25 países, defendeu a libertação por todos os meios necessários, criticando abertamente aqueles que apostavam apenas em negociações como tática de libertação do jugo colonial (Macey, 2012, p. 365).

Apesar das claras divergências táticas, o balanço da FLN redigido por Fanon, intitulado *Acra: a África reafirma sua unidade e define sua estratégia*, reforça o compromisso argelino com o pan-africanismo e a solidariedade “biológica” entre os povos africanos. No último parágrafo, Fanon alude ao Manifesto Comunista de Marx e Engels, afirmando que “nada temos a perder senão nossos grilhões. E precisamos conquistar um imenso continente (Fanon, 2021, p. 226)”. Essa referência pode ser interpretada como uma analogia entre a

condição colonial e a luta da classe trabalhadora, além de sugerir a inclinação socialista da FLN para a Argélia, ou ambas.

Fanon retorna a Túnis, mas não por muito tempo. Cerca de três meses depois, embarca para Roma, onde participa do II Congresso de Escritores e Artistas Negros, em março de 1959. Já reconhecido internacionalmente como figura pública da FLN e formulador polêmico de práticas anticoloniais, ele contribui, como membro do comitê executivo da *Société Africaine de Culture*, para a organização do evento, embora de forma limitada devido às suas prioridades na FLN.

No congresso, Fanon confronta os líderes do Movimento da Negritude e aqueles que priorizavam o resgate das culturas africanas tradicionais como via para a libertação. Seu discurso, *Fundamentos Recíprocos da Cultura Nacional e das Lutas de Libertação*, incluído em *Os Condenados da Terra* (1968, p. 197-207), contesta posições como a de Alioune Diop, que celebrou a presença do Papa João XXIII, defendendo que os povos negros não deveriam renunciar a “presentes” ocidentais, como o cristianismo (Faustino, 2018, p. 99). Para Fanon, o apagamento das culturas nacionais era parte do jugo colonial, e a luta pela soberania nacional representava o principal caminho para ampliar as expressões culturais dos povos colonizados. Desse modo,

enquanto a aposta da maioria dos intelectuais presentes no II Congresso estava no resgate de uma “civilização negra” transcendental, que ultrapassasse as fronteiras nacionais e continentais, Fanon, por outro lado, pensava que o fundamento da cultura [...] é a luta de libertação nacional (Faustino, 2018, p. 101).

O ano de 1958 foi marcado por intensas viagens de Fanon. Além de participar do congresso em Roma, em março, ele retorna a Túnis e, em maio, visita uma instalação militar da ALN em Rabat, no Marrocos, passando novamente por Roma e Madri. Em julho, retorna a Roma para tratamento médico, onde sofre uma tentativa de assassinato pelo serviço secreto francês dentro do hospital. Apesar do ritmo frenético de viagens clandestinas, Fanon mantém seu trabalho psiquiátrico em Túnis, desenvolvendo tratamentos baseados no método de Tosquelles, adaptados à realidade norte-africana.

No início de 1960, Fanon é nomeado embaixador itinerante da GPRA em Acra, consolidando-se como um revolucionário profissional, perseguido internacionalmente pelas forças coloniais francesas e norte-americanas (Faustino, 2018, p. 109). Seu papel foi crucial na promoção da unidade entre países e povos africanos. Como destacou David Macey (2012, p. 408), 1960 foi “o ano da África”, e Fanon viaja e discursa sistematicamente em diversos países africanos em nome da GPRA.

Entre abril e junho de 1960, Fanon participa de conferências internacionais: a Conferência de Solidariedade Afro-Asiática, em Conacri, na recém-independente Guiné; a Conferência de Ação Positiva pela Paz e Segurança na África, em Acra; e a Conferência de Estados Africanos Independentes, em Adis-Abeba, na Etiópia. O objetivo da FLN e de Fanon era intensificar a visibilidade da Guerra da Argélia, promovendo uma articulação africana em apoio ao país e visando a criação de uma “Legião Africana” para defesa econômica e política do futuro Estado argelino, metas alcançadas nas resoluções dessas conferências (Macey, 2012, p. 408-442).

Em setembro de 1960, Fanon vai à República do Congo, país recém-liberto que tinha como seu líder Patrice Lumumba, para assistir ao Congresso Pan-Africano de Léopoldville. Fanon e a FLN tinham uma linha política próxima da perspectiva de Lumumba, que foi tragicamente assassinado por um membro da CIA em janeiro de 1961¹². É uma mostra cabal da realidade sanguinária das colônias, tanto para os militantes e para os povos como um todo, que eram torturados, presos, mortos e dilacerados pelos colonos e imperialistas, quanto para os dirigentes das revoluções, que mesmo tomando todos os cuidados sofriam atentados constantes. A morte de Lumumba marca um endurecimento na postura de Fanon, que escreve: "Nosso erro, o erro dos africanos, é ter esquecido que o inimigo jamais recua de maneira sincera. Jamais compreende. Ele capitula, mas não se converte (Fanon, 2021, p. 274)".

OS CONDENADOS DA TERRA: O ÁPICE DO INTELECTUAL MULTIDISCIPLINAR

Em dezembro de 1960, Fanon é diagnosticado com leucemia em Túnis, um marco para o médico que reconhecia a ausência de cura ou tratamento eficaz para a doença. Consciente do tempo limitado, ele intensifica sua já frenética rotina de trabalho e militância, dedicando-se integralmente à revolução. Esse esforço incansável culmina na redação de *Os Condenados da Terra*.

Como Faustino (2018, p. 113-114) rememora, não era o melhor momento da Revolução Argelina, já que

o brio revolucionário parecia esfriar: as alas mais moderadas de sua organização ganhavam força a seu contragosto; o recente assassinato do líder panafricanista congolês Patrice Lumumba, bem como a crescente influência das alas mais moderadas sobre o movimento de libertação seriam indícios, para Fanon, de uma capitulação que poderia ferir mortalmente os esforços em curso, abrindo o caminho para o estabelecimento do neocolonialismo.

¹² Ver artigo *A morte de Lumumba: podíamos ter agido de outro modo?* (FANON, 2021, pp. 267-275)

Em *Os Condenados da Terra*, Fanon busca reacender o fervor revolucionário. Ele defende a violência revolucionária, analisa o papel das massas no processo, discute o lugar econômico das colônias na geopolítica global e aborda a psiquiatria no contexto colonial. Conforme a Grove Press, editora da obra nos Estados Unidos, o livro era um “guia de bolso para uma Revolução Negra que transformava o mundo branco (Macey, 2012, p. 22)”. *Os condenados da Terra* consolida a trajetória de Fanon como humanista radical, revelando um pensador singular que integra marxismo, existencialismo, fenomenologia, psicologia institucional, psicanálise, questões culturais e a crítica à Negritude em uma síntese única.

Fanon conclui *Os condenados da Terra* e o envia a François Maspero, solicitando que o editor obtivesse um prefácio de Jean-Paul Sartre. Leitor de Sartre desde a graduação, Fanon admirava o filósofo francês por seu apoio à causa argelina e, em 1961, ministrou aulas sobre *Crítica da razão dialética* a guerrilheiros da ALN.

Fanon, que até então não tinha se encontrado com Sartre, vai à Roma em julho de 1961 para passar 3 dias com o filósofo, Simone de Beauvoir e o cineasta Claude Lanzmann. Beauvoir relata estes três dias ao lado de Fanon em seu livro autobiográfico “*A força das coisas*”. Fica clara a vontade de Fanon de estabelecer o máximo possível de diálogos neste momento à beira da morte. Ele passa horas a fio conversando com Sartre, de manhã a madrugada, sem pausas, dormindo apenas quatro horas por dia. “‘Eu pagaria vinte mil francos para falar com Sartre da manhã à noite durante quinze dias’, disse ele a Lanzmann, rindo (Beauvoir, 2009, p. 501)”.

O relato de Beauvoir sobre os dias de Fanon em Roma expõe a admiração mútua existente entre o revolucionário negro e o filósofo francês. Fanon vai embora de Roma e Sartre já inicia a escrita do polêmico prefácio do livro de Fanon. Em outubro de 1961, Fanon esteve mais uma vez em Roma, mas extremamente debilitado pela doença. Sartre o visita em seu quarto de hotel, apesar de Fanon estar “tão esgotado que não abriu a boca durante todo o encontro (Beauvoir, 2009, p. 512)”.

Em *Os condenados da Terra*, Fanon derruba as barreiras que buscou superar ao longo de sua vida. Influenciado pelo marxismo, ele aborda a espontaneidade e a violência revolucionária, a cultura — tema central em seus debates com revolucionários pan-africanos — e a consciência e as “perturbações mentais” (Fanon, 2022, p. 203), retomando questões de *Pele negra, máscaras brancas*. Além disso, ao obter o prefácio de Sartre, Fanon transcende a suposta divisão, imposta pelos europeus, entre o mundo intelectual francês e a política argelina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletirmos sobre as tensões entre intelectualidade e política vivenciadas por Fanon, especialmente em congressos e dentro da FLN, as ideias de Edward Said oferecem pistas valiosas. Em seus estudos sobre o papel dos intelectuais, Said destaca que “não houve nenhuma grande revolução na história moderna sem intelectuais; de modo inverso, não houve nenhum grande movimento contrarrevolucionário sem intelectuais (Said, 2005, p. 25)”. Para ele, o intelectual enfrenta pressões constantes de movimentos sociais, setores acadêmicos, opinião pública e poder estatal, devendo resistir a essas forças para construir um pensamento independente. Assim, Said defende que os intelectuais são “figuras cujo desempenho público não pode ser previsto nem forçado a se enquadrar em um slogan, uma linha partidária ortodoxa ou um dogma rígido (Said, 2005, p. 12)”.

Fanon enfrentou essas pressões, transitando entre artigos em revistas médicas e textos no *El Moudjahid*, ou quando, durante a Guerra da Argélia, precisou ocultar ações da FLN, como no caso do massacre de Mélouza. Mas como Peter Hudis questiona e responde,

Por que ele [Fanon] abstém-se de qualquer crítica pública em relação a FLN - mesmo em 1957, quando Abane foi assassinado¹³, ou em 1961, quando já estava bem claro que a FLN estava se preparando para impor um Estado de partido único? [...] Por que Fanon não vociferou explicitamente suas críticas e preocupações na medida em que a Argélia estava preocupada também? A razão disso é que apesar de suas críticas ao centralismo e formas hierárquicas de organização ele acreditava que isso era imperativo para manter a unidade do movimento em face ao imperialismo. Falar para fora iria fraturar a unidade, e ele não conseguia conceber esta possibilidade (Hudis, 2015, p. 128-129).

Diferentemente da visão de Said, Fanon não buscava se esquivar das pressões da FLN para desenvolver um pensamento independente, embora seus textos refletissem sua autenticidade e aspirações. Foram as contradições de sua experiência e a necessidade de segmentar seu pensamento entre diferentes esferas — médicas, políticas e culturais — que moldaram esse sujeito revolucionário. Apesar de objetivos distintos, Fanon encontrou caminhos próprios para criar explosões, novas formas de reconhecimento e (des)identificação, seja pelo combate intelectual, seja pela luta armada. Fanon não foi apenas um intelectual engajado na política ou um político interessado na intelectualidade, mas um sujeito complexo que compreendeu sua posição no mundo colonial e agiu sobre ela. Ao atravessar e tensionar os limites entre o saber acadêmico e o engajamento insurgente, Fanon forjou uma ética da intervenção radical, cuja atualidade ainda nos convoca a pensar o papel do intelectual não como espectador, mas como partícipe dos conflitos e das transformações de seu tempo.

¹³ Abane Ramdane foi um importante militante da direção da FLN que divergiu de figuras como Ahmed Ben Bella no que deveria ser a tática política e de guerra da FLN nos primeiros anos da revolução, e foi assassinado de formas desconhecidas no Marrocos em dezembro de 1957. Abane ficou próximo de Fanon durante o Congresso de Soummam, anteriormente no mesmo ano [nota nossa].

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **A força das coisas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOUCHÈNE, Abderrahmane et al. **Histoire de l'Algérie à la période coloniale**. Paris: La Découverte, 2014.
- CHERKI, Alice. **Frantz Fanon: portrait**. Paris: Éditions Points, 2011.
- FANON, Frantz. **A dying colonialism**. Nova York: Grove Press, 1965.
- FANON, Frantz. **Alienação e liberdade**. São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- FANON, Frantz. **Alienation and freedom**. Londres: Bloomsbury Academic, 2018.
- FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Feira de Santana: Editorial Adandé, 2022.
- FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FANON, Frantz. **Por uma revolução africana: textos políticos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- FAUSTINO, Deivison Mendes. **A disputa em torno de Frantz Fanon: a teoria e política dos fanonismos contemporâneos**. São Paulo: Intermeios, 2020.
- FAUSTINO, Deivison Mendes. **Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.
- GEISMAR, Peter. **Frantz Fanon**. Nova York: Dial Press, 1971.
- GORDON, Lewis R. **What Fanon said: a philosophical introduction to his life and thought**. A Fordham University Press Publication, 2015.
- HUDIS, Peter. **Frantz Fanon: philosopher of the barricades**. Londres: Pluto Press, 2015.
- KHALFA, Jean. **Fanon, revolutionary psychiatrist**. In: FANON, Frantz. **Alienation and freedom**. Londres: Bloomsbury Academic, 2018a, p. 167-202.
- KHALFA, Jean. **Frantz Fanon's library**. In: FANON, Frantz. **Alienation and freedom**. Londres: Bloomsbury Academic, 2018b, p. 719-778.
- MACEY, David. **Frantz Fanon: a biography**. 2. ed. Londres: Verso Books, 2012.
- REIS, Raissa Brescia dos. **Négritude em questão: das multiplicidades e conceitualizações do movimento por ocasião do Primeiro Congresso Internacional de Escritores e Artistas Negros (1956)**. *Temporalidades*, v. 4, n. 2, p. 142-154, 2012.
- SAID, Edward. **Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- YOUNG, Robert J. C.. **Fanon, revolutionary playwright**. In: FANON, Frantz. **Alienation and freedom**. Londres: Bloomsbury Academic, 2018, p. 11-79.

ZEILIG, Leo. **Frantz Fanon**: a political biography. 2. ed. Londres: Bloomsbury Publishing, 2021.

Artigo recebido em 03/02/2023

Aprovado em 02/06/2025.